



RUY CINATTI VAZ MONTEIRO GOMES

(1915 – 1986)

Nasceu a 8 de março de 1915, em Londres, Reino Unido, tendo vindo ainda criança para Portugal.

Faleceu a 12 de outubro de 1986, em Lisboa.

Estudou no Instituto Militar dos Pupilos do Exército e formou-se no Instituto Superior de Agronomia, em Fitogeografia, (área em que publicou vários trabalhos científicos) e partiu para Inglaterra onde estudou Etnologia e Antropologia Social, em Oxford.

Entre 1943 e 1945 desempenhou o cargo de meteorologista aeronáutico da *Pan American Airways*.

Viajou pelo Mundo, tendo vivido alguns anos em Timor, onde exerceu o cargo de secretário de gabinete do governador de Timor, entre 1946 e 1948, e chefe dos serviços de Agricultura do governo de Timor, dedicando a este território vários estudos, na área da fitogeografia e da antropologia social, (alguns dos quais publicados pela Junta de Investigação do Ultramar, de que foi investigador).

Apaixonado por inúmeros temas, aborda na sua escrita desde a botânica e a meteorologia, das quais publica diversos estudos - em particular sobre a Flora timorense - até à antropologia, etnologia e arqueologia. Incansável viajante pelas regiões mais remotas de Timor, vem a criar especiais laços de amizade com as tribos mauberes que então viviam ainda muito à parte do mundo moderno. Como prova da sua estima, é convidado a celebrar um juramento de sangue- uma enorme honra para um estrangeiro- com dois liurais (chefes) tribais.

Esta irmandade de sangue facultou-lhe o acesso a recintos sagrados desconhecidos dos ocidentais, entre os quais diversas cavernas com pinturas rupestres, de que elaborou um estudo arqueológico.

Cinatti nunca viria a esquecer este pacto até ao final da sua vida, uma vez que dele em diante considerar-se-ia duplamente português e timorense. Não o esqueceu sobretudo durante e após a descolonização, sendo uma das vozes que, em Portugal, clamavam mais alto pela situação aflitiva do povo maubere.



Em 1940, co-dirigiu, com Tomás Kim e José Blanc de Portugal, na primeira série, e com Jorge de Sena, José Blanc de Portugal e José Augusto França, na segunda série, a publicação "Cadernos de Poesia", que sob o lema "Poesia é só uma", apresentava como objetivo "arquivar a atividade da poesia atual sem dependência de escolas ou grupos literários, estéticas ou doutrinas, fórmulas ou programas".

Foi nas edições "Cadernos de Poesia" que publicou as suas primeiras obras poéticas: "Nós Não Somos deste Mundo", em 1941 e, no ano seguinte, "Anoitecendo a Vida Recomeça". Entre 1942 e 1943, fundou a revista "Aventura", tendo como redatores Eduardo Freitas da Costa, José Blanc de Portugal, Jorge de Sena e Manuel Braamcamp Sobral.

Foi a partir de "O Livro do Nómada Meu Amigo", de 1958, que a presença dos territórios por onde viajou e sobretudo de Timor, se assumiria como "objeto em que se concretiza a aproximação do poeta consigo mesmo e com a vida humana dos outros".

Devido ao seu trajeto profissional e a uma personalidade que recusou integrar qualquer tipo de grupos ideológicos ou literários, a poesia de Ruy Cinatti possui uma voz própria, sem comparação com qualquer outra experiência poética contemporânea, nascida de uma liberdade métrica e lexical total, que consegue integrar na obra poética materiais tradicionalmente não poéticos, com uma particular relação com espaços e populações, cuja fragilidade parece condená-los a uma exterminação contra a qual o poeta tinha consciência de não poder lutar, mas que motivou composições de revolta e de grande intensidade emocional, como as de "Timor Amor" ou de "Paisagens Timorenses com Vultos".

SOCIEDADES CIENTÍFICAS A QUE PERTENCEU:

Presidente da Sociedade Portuguesa de Espeleologia (1968).

DISTINÇÕES RECEBIDAS:

Prémio Antero de Quental, pela obra "O Livro do Nómada Meu Amigo" (1958);

Prémio Nacional de Poesia, por "Sete Septetos", (1968);

Prémio Camilo Pessanha (1971)

Prémio P.E.N. Clube Português de Poesia (1982)

Grã-Cruz da Ordem do Infante D. Henrique, a título póstumo (10 de junho de 1992).

PUBLICAÇÕES:

Nós não somos deste mundo. Lisboa, 1941.

Anoitecendo, a vida recomeça. Lisboa, 1942.

Poemas escolhidos. Lisboa, Gráfica Boa Nova, 1951.

O livro do nómada meu amigo. Ilustrações de Hansi Stael. Lisboa, Guimarães Editores, 1958.

Sete septetos. Lisboa, Guimarães Editores, 1967.

Crónica Cabo Verdeana, 1967.

Ossobó, 1967.

O tédio recompensado. Lisboa, Guimarães Editores, 1968.

Uma sequência timorense. Braga, Pax, 1970.

Borda d'Alma, 1970.

Memória descritiva. Lisboa, Portugália, 1971.

Conversa de Rotina, 1973.

Cravo singular. Lisboa, 1974.

Timor - Amar. Lisboa, 1974.

Os Poemas do Itinerário Angolano, 1974.

Timor Amor, 1974.

Paisagens Timorenses com Vultos, 1974.

Import-Export. Lisboa, 1976.

O A Fazer, Faz se, 1976;

56 poemas. Lisboa, A Regra do Jogo, 1981.

Manhã imensa. Lisboa, Assírio e Alvim, 1984.

Antologia poética. Lisboa, Presença, 1986. Posfácio de Joaquim Manuel Magalhães

Obra poética. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1992.

Corpo - alma. Lisboa, Presença, 1994.

Tempo da cidade. Lisboa, Presença, 1996.

Um cancionero para Timor. Lisboa, Presença, 1996.

Archeologia ad usum animae[3]. Lisboa, Presença, 2000.

Esboço histórico do sândalo no Timor português. Lisboa, Ministério das Colónias, Junta de



Investigações Coloniais, 1950.

Explorações botânicas em Timor. Lisboa, Ministério das Colónias, Junta das Investigações Coloniais, 1950.

Reconhecimento preliminar das formações florestais no Timor português. Lisboa, Ministério das Colónias, 1950.

Brevíssimo tratado da província de Timor. Lisboa, 1963. Separata da Revista Shell 346.

Useful plants in portuguese Timor: an historical survey. Coimbra, Gráfica de Coimbra, 1964. Separata do vol. I das Actas do V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros

Alguns aspectos de mudança social no Timor Português. Lisboa, 1975. Separata de In Memoriam António Jorge Dias.

Motivos artísticos timorenses e a sua integração. Desenhos de Fernando Galhano. Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical, 1987.

Arquitectura timorense. Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical, Museu de Etnologia, 1987.

Impressões de uma viagem pelos territórios portugueses da África Ocidental. Lisboa, Tipografia Portugal Novo, 1936. Separata da Revista Agros, 5.

Lembranças para S. Tomé e Príncipe: 1972. Évora, Instituto Universitário de Évora, 1979.

Fontes: http://www.truca.pt/ouro/biografias1/ruy_cinatti.html

https://pt.wikipedia.org/wiki/Ruy_Cinatti

http://www.isa.utl.pt/campus/4_cinatt.htm

http://www.snpcultura.org/recordar_ruy_cinatti.html

Ruy Cinatti, o homem que levantou o véu sobre Timor

Centenário. Faria 100 anos ontem e quem o conheceu lembrou as suas muitas facetas: poeta, antropólogo, agrónomo, sonhador

LINA SANTOS

“Um homem fora do mundo”. Termina assim um dos poemas de Ruy Cinatti, poeta, agrónomo, antropólogo, investigador de Timor, lembrado ontem, dia em que completaria 100 anos, entre versos, canções e testemunhos, por quem o conheceu e por quem investiga a sua obra na Biblioteca Espaço por Timor, em Lisboa.

Cinatti (Londres, 8 de março de 1915-Lisboa, 12 de outubro de 1986) estudou engenharia agrónoma em Lisboa, e esse foi o primeiro passo em direção a Timor. Antes de ter uma tese de licenciatura, partiu para os antípodas, contra a vontade e a recomendação de Marcelo Caetano, contou o presidente do Centro Nacional de Cultura e do Tribunal de Contas, Guilherme Oliveira Martins, no encontro, uma iniciativa do escritor timorense Luís Cardoso.

Seria secretário do governador, Óscar Ruas, durante dois anos. Juntos fizeram viagens de reconhecimento pelo território timorense. A passagem pela então co-



Cinatti nasceu a 8 de março de 1915 e morreu em 1986

lónia dá-lhe material para a poesia (começa a publicar nos anos 1940) e desperta o interesse pela etnologia e a antropologia, que o leva a estudar as disciplinas em Oxford, no Reino Unido. Recebe o diploma em 1958 e avança para um doutoramento que nunca chega a concluir. “Ele quer fazer uma súmula mas tem uma visão demasiado abrangente”, nota o professor Lúcio Sousa que tem estudado o espólio de Cinatti, depositado na Universidade Católica.

Também era um ambientalista quando ainda não se usavam estes termos. Escreveu que era “contra o

abate das árvores para serem substituídas por plantações de café”, lembrou Oliveira Martins.

“Tinha uma visão do desenvolvimento fora do seu tempo, muito moderna na maneira como interpretava o ambiente”, diz Cristina Cruz, investigadora do CIDAC (Centro de Intervenção para o Desenvolvimento Amílcar Cabral), com uma das obras de Ruy Cinatti na mão – *Motivos Artísticos Timorenses e a Sua Integração*, editado pela Instituto de Investigação Científica Tropical (ICT) e Museu da Etnologia. É uma viagem fotográfica a Timor, “livro de trabalho e entretenimento”, diz a especialista.

Foi editado em 1987 e agora só se encontra em alfarrabistas, “mas é muito importante para os timorenses”, alerta. Como é *Arquitetura Timorense*, bíblia da construção da região, escrito com Leopoldo Correia e Sousa Mendes e levado ao encontro de ontem pelos irmãos Tolentinos, arquitetos. Conheceram Ruy Cinatti e tinham uma missão: desafiar a embaixadora de Timor em Portugal, Maria Paixão da Costa, na primeira fila, a reeditar o livro.